

CAMINHANDO E ABRINDO CAMINHOS NA CULTURA DIGITAL: DIFERENTES APRENDIZAGENS NO CIBERESPAÇO

Rosimeire Martins Régis dos Santos
Maria Cristina Lima Paniago

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é parte de um projeto maior denominado "Cultura digital em uma universidade intercultural: relações entre tecnologias, professores e alunos" e tem como objetivo apresentar e ampliar discussões referentes às possibilidades de incorporação e apropriação das tecnologias digitais e redes sociais nos processos de ensino e aprendizagem de acadêmicos universitários indígenas.

A pesquisa vem se intensificando com a presença cada vez maior de estudantes indígenas no campus da universidade, assim, criando condições de circulação e discussão sobre a temática em foco.

Essa pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico virtual, respeitando os modos de aprendizagem e saberes do contexto indígena. Os dados foram gerados na rede social Facebook, por meio de um recorte do período de 2017 a 2019, em um grupo privado denominado "Rede de Saberes: indígenas na cultura digital", criado com a finalidade de reunir os estudantes indígenas e professores para compartilharem conhecimentos e experiências culturais e aprender de forma colaborativa.

Procuramos sistematizar algumas narrativas dos estudantes indígenas de uma universidade privada, sobre a cultura digital. Subsidiadas teoricamente para análise dos dados, encontramos como alguns resultados que, mesmo com suas fragilidades, os espaços abertos das redes sociais, de alguns ambientes virtuais de aprendizagem, os quais podem ser mediados pelos estudantes universitários, são potenciais oportunidades para compartilhamento, socialização, divulgação e exposição de conhecimentos, experiências e vivências. Como atores, protagonistas e autores das mensagens disponibilizadas em tais ambientes, os estudantes universitários indígenas, com autonomia e liberdade na produção de suas narrativas, comunicam e expandem seus saberes para além das fronteiras físicas, valorizando e enfatizando a riqueza das diferenças e diversidades.

CENÁRIOS DE APRENDIZAGENS: Encontros e Movimentos

As Tecnologias Digitais e Redes Sociais possibilitam grande trocas de informações, conhecimentos, espaços onde há muito que aprender e ensinar. O movimento nas redes possibilita formas dinâmicas e interativas de aprendizagens. Segundo Tsukamoto; Fialho; Torres (2014, p. 350), “[...] atualmente, as redes sociais têm sido objeto de grandes discussões no meio acadêmico, mais especificamente quanto ao seu potencial pedagógico, revelando novos caminhos e novos modos de ensinar e aprender”.

O caminho destacado pelo estudante indígena “Eu geralmente compartilho no meu Facebook, Instagram e WhatsApp um pouco do meu cotidiano relacionado ao trabalho e vida acadêmica”, preconiza uma desconstrução que o saber e a própria produção intelectual são exclusivos do sistema de ensino (escola/universidades). Desse modo, nossos estudantes acedem com maior facilidade a circulação das informações e multiplicam conhecimentos por meio de redes sociais, aplicativos diversos com o uso das tecnologias digitais.

Lévy (1999) pontua que conhecer as tecnologias digitais e rede social, não significa apenas compreender como uma infraestrutura, mas também entender que o novo universo informacional está no ensino, na aprendizagem, como também na pesquisa.

Nesse sentido, de acordo com a fala do estudante indígena, “Eu uso o meu Facebook pra compartilhar algumas notícias que sejam relevantes para transformar a vida das pessoas, notícias com conteúdo, pesquisas, conteúdo que estão mais próximos do que eu sou também”, a proposta do compartilhar pode estar presente no uso das redes, promovendo transformações e aproximações entre os diferentes contextos e identidades. Os conteúdos partilhados podem nos fazer pensar e repensar e propiciar reflexões com olhares críticos sobre diferentes informações, com (re)significações a partir das diferentes realidades. Conforme Linhares e Chagas (2017, p. 30, citando Serres (1993, 1996): “Que a viagem constante no cyber espaço, que traduz o outro (mundo, sociedade, costumes, sujeitos) completamente desconhecidos e diferentes do eu, permita no ‘lugar escola’ o encontro que gere conhecimento e alteridade, autonomia e libertação [...]. Ainda complementam”, com base em Serres (1996, p. 16): “[...] todo aprendizado é a mistura de um eu e de um outro [...]. Assim o encontro no espaço virtual com sujeitos

de outras culturas, outras etnias, outros estados, outros países, possibilita ir e vir no pensar humano como sujeitos comunicantes e aprendentes” (LINHARES; CHAGAS, 2017, p. 31).

O espaço das redes sociais, apresenta a cibercultura como um lugar de encontros de desencontros, de aprendizagens, de práticas, de experiências compartilhadas. Segundo Couto (2014, p. 63):

As redes sociais digitais devem ser vistas como ambientes privilegiados das pedagogias da cultura compartilhada, em que cada sujeito deve ser o protagonista feliz e triunfante e, por meio das narrativas de si, promova sinergias, encontros e criativos modos de viver baseados na solidariedade, pois, nesse universo da cognição conectiva, cada um é o que compartilha. Narrar a si mesmo, difundir impressões por meio de palavras, sons ou imagens, já é transformar-se, pois narração, afirmação e crítica andam juntos, multiplicam nossos sonhos e dão outros sentidos à vida.

Encontros e movimentos são características que aproximam as redes sociais, a universidade e seus estudantes, como apresentado na mensagem do acadêmico indígena: “Nós somos o que consumimos, vários dos meus amigos do Facebook compartilham informações relacionadas aos assuntos abordados em sala. Eu também tento passar essas informações aos demais amigos e colegas, já que muitas vezes as informações vão se atualizando e precisamos estar por dentro”. Conforme Linhares e Chagas (2017, p. 30), “[...] para aqueles que perpassam estes lugares/espços como sujeitos comunicantes e aprendentes, cabe a escola atentar para a necessidade de construir/ reconstruir suas práticas pedagógicas e sua concepção de educação numa perspectiva voltada para uma pedagogia da comunicação”. Complementa o estudante indígena: “Não coloco tudo o que faço porque muitas vezes somos julgados por algumas atitudes, por isso posto mais sobre o que faço na academia”. Portanto, o julgamento também aparece no contexto da cibercultura, podendo implicar nas atitudes de seus participantes. Gostaríamos de acreditar que os espaços abertos de redes sociais, de ambientes virtuais de aprendizagem, pudessem ser oportunidades mais democráticas, menos autoritárias e hierarquizadas, espaços de autonomia e liberdade na produção de narrativas de seus atores comunicantes, respeitando as diferenças e diversidades.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nossos estudantes podem aceder com maior facilidade a circulação das informações e multiplicar conhecimentos por meio de redes sociais, aplicativos diversos com o uso das tecnologias digitais. Acreditamos que o encontro possibilitado nos espaços abertos de redes sociais, de ambientes virtuais de aprendizagem, mediados pelos estudantes universitários possa ser uma oportunidade para produção de outros e diferentes conhecimentos, para além daqueles já estabelecidos, mas que contemplem as diferenças e diversidades culturais, sociais, educacionais, políticas, por meio de múltiplas narrativas que possam expressar a riqueza das experiências e saberes oriundos dos atores comunicantes.

REFERÊNCIAS

COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 47-65. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 26 set. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34 ed., 1999.

LINHARES, Ronaldo Nunes; CHAGAS, Alexandre Meneses. . Aprendizagens no ciberespaço: por uma pedagogia da comunicação em uma educação mestiça. In: Cristiane Porto; J. Antonio Moreira. (Org.). **Educação no ciberespaço: Novas configurações, convergências e conexões**. Aracaju: EDUNIT, 2017.

TSUKAMOTO, N. M. S.; FIALHO, N. E; TORRES, P. L. A face educacional do facebook: um relato de experiência. IN: PORTO, C. E; SANTOS, E. (Org.). **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014